

Estilo moderno: humor, literatura e publicidade em Bastos Tigre

Vanessa de Jesus Queiroz*

Resenha de: BALABAN, Marcelo. *Estilo moderno: humor, literatura e publicidade em Bastos Tigre*. Campinas: Ed.UNICAMP, 2017. (Kindle Edition).

Integrante da coleção História Ilustrada da Editora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), é o segundo livro de autoria de Marcelo Balaban, professor do Departamento de História da Universidade de Brasília (UnB).¹

Estilo moderno: humor, literatura e publicidade em Bastos Tigre concede centralidade à discussão dos sentidos da modernidade para Tigre e seus pares literatos. As primeiras décadas do século XX foram marcadas por transformações e indeterminações diversas, inclusive sobre a própria definição do que seria o moderno. Ascendia um novo tipo de gênero literário relacionado aos novos tempos: o humor trocadilhesco, o calemburgo, a sátira politicamente informada, o risonho em substituição ao choramingo da literatura tradicional.

Para Bastos Tigre, personagem central da análise de Marcelo Balaban, o riso era coisa séria, instrumento para o progresso, para a quebra com um passado menos desenvolvido e desejável. O humor torna-se parte central da realidade histórica e social. Neste sentido, os sujeitos históricos aqui preconizados são os homens de letras e suas concepções, que

* Mestranda em História Social pela Universidade de Brasília – UnB.

¹ Além de: BALABAN, Marcelo. *Poeta do lápis: sátira e política em Angelo Agostini no Brasil Imperial 1864-1888*. Campinas: Ed.UNICAMP, 2009, o primeiro do autor, e do que figura nesta resenha (2017), Balaban é também organizador da edição crítica de: BALABAN, Marcelo (org.). *Instantâneos do Rio Antigo: Bastos Tigre*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

evidenciam conflitos, diferenças, valores, preconceitos. O mote do livro não é a análise pura dos conceitos – modernidade, humor, *belle époque*, dentre outros –, mas sim a experiência histórica de sujeitos que buscavam definir a modernidade e, de certo modo, diretrizes para o futuro da nação brasileira.

Em torno de tal discussão, o livro é estruturado em dez capítulos cujos temas principais, tratados em cada um, exponho brevemente a seguir.

O primeiro capítulo, intitulado *Muito talento*, aborda a centralidade da noção de talento, definido como um tipo de elo que diferenciava os homens de letras de outros grupos sociais. Contudo, fica claro que não é possível falar em uma classe de literatos una e coesa. Nesta parte do livro, somos informados, também, sobre o contexto que recepcionou Tigre naqueles primeiros anos do Rio de Janeiro do século XX. É uma época marcada pela concepção do letramento como condição fundamental, de acordo os homens de letras, para emancipação e progresso do Brasil e de seu povo, a partir da construção de uma literatura nacional moderna.

Outra noção central do capítulo (e do livro) é a de modernidade, que recebia sentidos múltiplos. Nas disputas em torno de tentativas para significá-la, os conflitos e as diferenças de pensamentos ganhavam forma. Junto a tentativas de construção de um Brasil como país moderno e da própria ideia de modernidade, os homens de letra buscavam construir, também, seu lugar de atuação. Eleição de lugares específicos para reuniões restritas – os diversos cafés espalhados pela capital federal de então –, cujo mais famoso expoente é a Cafeteria Colombo, e diferentes maneiras de vestuário são exemplos de estratégias que os literatos usavam para se diferenciarem dos demais e, muitas vezes, também entre si.

O segundo capítulo, intitulado *O bom Don Xiquote*, apresenta o ano de 1902 como fundamental à carreira literária de Bastos Tigre. É o ano de lançamento de seu primeiro livro, *Saguão da posteridade*, onde assina com o seu mais famoso pseudônimo: *Don Xiquote*. Neste livro ocorre a convergência entre concepção de literatura e atuação política do escritor. Balaban analisa detidamente o poema “Os moinhos”, presente no livro, para demonstrar a união entre o sentido político da literatura e o novo, o alegre, o humorístico como oposto ao pedantismo (relacionado aos tempos antigos). Em 1902, Bastos Tigre publicava em diversas revistas recebendo destaque com sua sátira política, que buscava conquistar e educar o povo. Concomitante aos avanços na carreira de literato, ele continuava seus estudos de engenharia. Em 1905 formou-se engenheiro.

Pontos que recebem destaque no capítulo são, ainda, a mistura das atividades

jornalísticas e literárias, de modo que a imprensa era a principal forma de acesso dos literatos ao público, além de lugar de reconhecimento para além das rodas dos cafés.

O terceiro capítulo, *Depressa! Depressa!*, faz uma pausa na análise dos versos de Bastos Tigre e preconiza a intervenção urbana no Rio de Janeiro no período 1902-1906, episódio conhecido como *Bota-abaixo*. Trata-se do conjunto de reformas propostas por Pereira Passos objetivando melhoramentos diversos na cidade.

Demolições, falta de água, saneamento da cidade e das pessoas, intervenções de Oswaldo Cruz e representantes da saúde pública no cotidiano (cujo grande expoente é a *Revolta da Vacina*), são explorados no capítulo que mostra que o processo de remodelação urbana do Rio Janeiro, tido como forma da modernidade, evidenciou uma série de tensões entre classes sociais. Em meio a toda essa agitação, Tigre se tornava engenheiro e atuava como literato. Via na ação do governo Passos a esperança de implementar o novo, que também deveria fazer parte da arquitetura da cidade.

O capítulo seguinte, *A nossa civilização*, dá seguimento as considerações do capítulo 3, demonstrando como o *Bota-abaixo* influenciou a vida dos literatos, inclusive a personalidade literária do escritor em destaque. Vivendo em meio à poeira das reformas pelos cantos da cidade do Rio de Janeiro, os homens de letras sustentaram diferentes concepções sobre as transformações urbanas. O civilizado, o belo e o progresso eram temas recorrentes à época, tanto que recheavam as páginas da diversas revistas e jornais. Marcelo Balaban argumenta que junto às transformações, Bastos Tigre também se transformava. Por meio de seu humor trocadilhesco manifestava o apoio às reformas, desejando figurar ele mesmo, entre as novidades.

Pontos como importância e técnicas para melhoria da propaganda, como forma de atração, capricho, arte e negócio comercial, bem como sentidos raciais da noção de progresso, são abordados na explanação sobre o episódio da chegada de Santos Drummond ao Rio de Janeiro, em 1903. O inventor era a imagem que se desejava ao país: branco, inventivo, educado, bem vestido, cientista, era exemplo de que era tangível pensar num Brasil civilizado, moderno. De acordo Balaban, a chegada de Drummond foi episódio importante à formação identitária de Tigre.

O quinto capítulo, *Musa boêmia e vadia*, fala do calemburgo como gênero difícil que era bem executado por poucos, ainda que muitos se lançassem à tarefa. Paulo Cordeiro, importante literato da época, considerava Bastos Tigre um desses eleitos que faziam o calemburgo sem

abandonar as boas normas da língua ou deixar de lado a agilidade de pensamento, características presentes na literatura tradicional. Além do dilema de comprovar que o novo gênero não era inferior à literatura tradicional, os literatos enfrentavam outro problema: o da defesa de sua classe. Os boêmios eram tidos por muitos como desocupados, vadios, além de vistos como *promptos*, ou seja, desprovidos de muitos recursos financeiros. Foi em meio a este panorama, permeado por indefinição, que Tigre lançou seu segundo livro, *Versos perversos*, onde teve por intuito o fazer rir ao mesmo tempo em que relevava o que precisava ser corrigido naquela sociedade. O objetivo era alcançar um riso politicamente informado, demonstrando sua utilidade, bem como a seriedade dos literatos que o escreviam.

O sexto capítulo, *Maxixe For Ever*, presta continuidade ao tema da legitimação do humor como gênero literário aceito pelos pares e pelo público, a partir da ênfase concedida à relação entre literatura e jornalismo. As opiniões estavam divididas entre os que apoiavam e os que não apoiavam que a imprensa era útil e necessária ao reconhecimento da literatura e de seus autores. Marcelo Balaban faz uma análise detida da peça com a qual Bastos Tigre se lança ao teatro. Além da legitimação do calemburgo e de sua atuação para além das folhas, temas como construção de símbolos nacionais, desigualdade racial, montagem teatral e importância da propaganda na imprensa, são mote do capítulo.

O sétimo capítulo, *De volta a Estaciópolis*, fala de um Bastos Tigre recém-chegado de uma viagem na qual passou por Paris e pelos Estados Unidos – onde, em 1906, foi estudar para finalizar sua formação em engenharia elétrica. As experiências dele no exterior teriam influenciado sua personalidade e identidade literárias. Ao regressar ao Brasil, mui bem recepcionado por periódicos diversos, encontra um Rio de Janeiro em pleno processo de transformações e novidades: mudanças urbanas, construção do teatro nacional, reestruturações arquitetônicas, chegada dos instantâneos e cinematógrafo, entre outras. Literato e engenheiro, tendo em vista que a primeira ocupação não garantia o pão de cada dia, vivia em meio a controvérsias que ascendiam das novidades. Bastos Tigre defendia que junto às reformas urbanas, o povo deveria ser educado de acordo com os parâmetros da elegância e da modernidade. Uma das tarefas da literatura deveria ser a de guiar as pessoas em meio àquela “cidade volúvel”.

Sátira parnasiana é o oitavo capítulo. Ele nos informa sobre o lançamento, em 1913, do terceiro livro de Bastos Tigre: *Moinhos de vento*, que aparece poucos anos após o escritor se tornar engenheiro no funcionalismo público, marido e pai. A obra é objeto de análise

particularmente interessante tendo em vista que nele nosso Don Xiquote expõe algumas de suas concepções de humor. Além disso, são perceptíveis os objetivos de agradar ao público e aos pares. O livro foi amplamente noticiado pela imprensa e alcançou uma façanha à época: rendeu lucros ao autor, ainda que não o tenha enriquecido. Diversas críticas de pares sobre *Moinhos de vento* evidenciam o valor partilhado de relacionar o moderno com a poesia alegre, quebrando com a tradicional literatura melancólica de choramingos. Balaban aborda, ainda, a questão da seletividade temática de Tigre, que noticiava temas diversos, dentre os quais negros e mulheres eram ridicularizados e operários não apareciam. A classe profissional defendida era a dos literatos, que deveriam ser levados a sério e serem bem remunerados.

O capítulo seguinte, *O feijão e a carne fresca*, aborda o tema da profissionalização do escritor como questão central da *belle époque*. Noticia diversas tentativas de Bastos Tigre para diversificar sua atuação, inclusive o lançamento de seu quarto livro, em 1919, intitulado *Bolhas de sabão*. Dois episódios preconizados na análise de Marcelo nesta parte do livro são as criações da Sociedade Brasileira dos Homens de Letras e da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais. As iniciativas faziam parte das reivindicações por melhor remuneração, união de classe e luta contra ações abusivas de editoras e empresas teatrais. Tratava-se dos homens de letras agindo de forma semelhante à classe da qual buscavam distinguir-se, a dos trabalhadores. O objetivo era redefinir o ofício de literato e, assim, a própria literatura. Tigre foi tesoureiro em ambas as associações.

O décimo e derradeiro capítulo, *Gritando espalharei por toda a parte*, aborda a estreita relação entre a publicidade e a literatura, a partir da investigação de algumas propagandas encabeçadas por Bastos Tigre, que desde 1913 se debruçava sobre a atividade. Para o literato, que preconizava a boa relação entre conteúdo e forma, a propaganda era atividade apropriada aos homens de letras, ainda que não se equiparasse à literatura. Bayer, Brahma e outros anúncios fazem parte de seu arsenal criativo, que também compunha músicas em plena ascensão do rádio na década de 1920. A propaganda era tida como “senhora onipotente do mundo”, revelando disputas diversas em torno de suas maneiras de criação e propagação.

Por fim, um epílogo narrando a morte e algumas frustrações de Bastos Tigre, cuja luz do reconhecimento já não brilhava tanto nos tempos de sua morte.

O livro de Marcelo Balaban trata o humor para além de sua função popular de fazer rir. Este era forma de informação e posicionamento político, além de instrumento de legitimação social, revelador de relações entre grupos, noção ligada a valores de modernidade, raça, status,

nacionalismo, progresso, civilização e outros das primeiras décadas do século XX. O riso, que buscava seu lugar de legitimação perante a literatura tradicional, era coisa séria, relacionada aos novos tempos, repletos de indeterminações.

A centralidade do personagem de Bastos Tigre nos permite compreender como suas escolhas e sua obra sofreram e exerceram influência na sociedade em que viveu. As indefinições dos novos tempos apareciam na atuação de Bastos Tigre, que ainda assim não abriu mão do propósito de mudar pessoas e coisas a partir de sua sátira política. Em meio a seus desejos de mudança, o literato partilhava da necessidade de reconhecimento da classe dos homens de letras, sem abandonar sua profissão de engenheiro, afinal, precisava ganhar dinheiro para sobreviver e sustentar sua família, como as demais pessoas do Rio de Janeiro no século XX.

O livro é rica ferramenta de auxílio no que concerne a debates que possibilitam alocar a literatura, bem como a imprensa, no campo da história social, principalmente quando se percebe que ambas mantêm relações diversas e são obras dos sujeitos históricos que as produzem e dependem de outros sujeitos históricos que as recepcionam. A historiografia ganha em muito quando do uso desses tipos de fontes que, além de história do jornalismo e da literatura, são história da própria História.

Longe de ser uma biografia pura, personagem e questões de seu tempo aparecem relacionados na obra de Marcelo Balaban, que não adota uma abordagem contextualista que limita as ações dos sujeitos a seu contexto, mas evidencia conflitos, percepções e, inclusive, questionamentos dos sujeitos aos valores de seu tempo.

Merece destaque o formato digital em que o livro foi publicado.² As imagens, bem como fonogramas presentes na obra, tornam a leitura, além de mais prazerosa, vasta e fluida. Permitem ao leitor momentos mais profundos de inserção na leitura.

Recebido em: 06.07.2017
Aprovado em: 08.08.2017

² O livro faz parte da Coleção Históri@ Ilustrada, da Ed. UNICAMP. Tal coleção publica livros digitais com resultados de pesquisas situadas nas áreas da História Social e da Cultura que utilizam documentos textuais, iconográficos e sonoros.

“O pertencimento à nação é o que determina a cidadania. Porém, existem outros aspectos que envolvem a definição de “cidadão” no século XIX, a propriedade, “virtudes e talentos”. Na nação brasileira, esse ponto é resolvido com a divisão entre os “cidadãos passivos”, os detentores do direito civil (homens livres nascidos na Nação), e os “cidadãos ativos”, os detentores do direito políticos (os cidadãos que demonstrassem, pela propriedade, a sua virtuosidade).”

Jônatas Roque Mendes Gomes